



Luciene Setta de Oliveira (UERJ)

JORNALISMO DIGITAL: EM BUSCA DO INDIVÍDUO CONECTIVO¹

Se examinarmos a tendência da era das comunicações desde meados do século passado, veremos que existe uma aceleração no uso de comunicações alternativas com crescente substituição da presença física. Pesquisadores contemporâneos afirmam que a Internet, em especial a CMC, está afetando rapidamente este processo de comunicação entre as pessoas, além de promover o estreitamento do conhecimento comum a vários indivíduos.

Portanto, gostaríamos inicialmente de apresentar o pensamento de autores no que diz respeito a questão real/virtual antes de entrarmos especificamente na questão do indivíduo conectivo. Pierre Lévy, um dos estudiosos de maior renome mundial nesta área define o virtual como uma palavra derivada do latim medieval, *virtualis* derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Segundo ele, na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato.

"O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes". (Lévy, 1998)

A interseção do virtual com o real proporciona o surgimento de novas formas de sociabilidade, denominadas por Pierre Lévy de comunidades virtuais. Segundo pesquisadores contemporâneos, estas comunidades são diferentes das reais, e ao mesmo tempo muito semelhantes. Em uma comunidade virtual, podemos colocar-nos diretamente num meio em que assuntos que nos interessam são debatidos e travar conhecimento com indivíduos que compartilham de nossos interesses e que podem nos seduzir pela expressão escrita. Os estudos se completam através de pesquisas da telemática, na qual é possível fazer parte de uma lista de discussão (serviço que utiliza correio eletrônico para prover a comunicação de um grupo de pessoas; cada assunto

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



discutido é uma lista de discussão diferente) sobre qualquer desses assuntos e iniciar um debate público ou privado (também denominado PVT) com seus participantes, sem jamais havê-los encontrado.

"As chances de se fazer amizades crescem em proporção de dez, com relação aos métodos tradicionais (...) Outra peculiaridade no processo de estabelecimento das relações no ciberespaço é que nas comunidades virtuais o sexo, idade, raça, aspecto físico etc., dos participantes não são automaticamente discerníveis, a não ser que o indivíduo decida dá-los a conhecer." (PALACIOS, M. Cotidiano e Sociabilidade no Ciberespaço: Apontamentos para Discussão, 1998

<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>)

Outro autor muito citado neste campo é Anthony Giddens (2000), que argumenta que o indivíduo deseja fazer-se visível numa rede de pessoas que sejam capazes de ajudar e a quem ele também seja capaz de ajudar, provocando assim uma troca de relações. (GIDDENS, A e P. C. Conversas com Anthony Giddens - o sentido da modernidade. Rio de Janeiro. ED FGV, 2000). Giddens avalia ainda que uma das características distintivas da modernidade é uma interconexão crescente entre os dois extremos da "extensionalidade" e da "intencionalidade": de um lado influências globalizantes e, de outro, disposições pessoais... Quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos de interação dialética, entre o local e o global, mais os indivíduos vêm-se forçados a negociar por estilos de vida e meio a uma série de possibilidades... O planejamento da vida organizada reflexivamente... torna-se característica fundamental da estruturação da auto-identidade.

Segundo Giddens em condições de alta modernidade vivemos em "um mundo" num sentido diferente dos períodos históricos anteriores". Todos continuam a viver uma vida local, e os *constraints* do corpo asseguram que todos os indivíduos, a cada momento, estão contextualmente situados no tempo e no espaço. No entanto, transformações do lugar e a intromissão da distância em atividades locais, combinada



com a centralidade da experiência mediática, modificam radicalmente o que ‘o mundo atualmente é’. Isto se aplica tanto ao nível do ‘mundo fenomênico’ do indivíduo quanto ao nível do universo geral da atividade social, na qual a vida coletiva é encenada. Apesar de todos viverem uma vida local, o mundo fenomênico é, na maior parte, verdadeiramente global”.

Para não deixar de lado a semântica brasileira citaremos o que segundo o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, apresenta sobre a palavra **indivíduo** (singular, masculino), derivada do latim *individuum* e significa ente ou ser que constitui um todo distinto em relação à espécie; pessoa; exemplar de uma espécie qualquer (fam); sujeito (bras. e Açores). Mas a definição de Aurélio completa este pensamento dizendo que é indiviso; uma pessoa qualquer cujo nome não se quer dizer sujeito, cidadão.

Gostaríamos, ainda, de apresentar duas citações do termo indivíduo. De acordo com o Dicionário de Ciências Sociais do Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (1986), o substantivo indivíduo é sinônimo de pessoa ou ser humano. Na literatura de Ciências Sociais, o termo indivíduo perdeu seu significado original de indivisível e é usado como sinônimo de pessoa, ou ser humano singular. O Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia, de autoria de André Lalande (Martins Fontes, 1996) cita este termo pela ótica da Psicologia, indicando que o indivíduo opõe-se à pessoa moral, enquanto a unidade e a identidade exteriores, biológicas, do ser humano se opõem à unidade e à identidade interiores que resultam nela da reflexão e da vontade.

O conceito de indivíduo pode se expandir a partir do objeto de estudo proposto, pois segundo o pesquisador Castells há três processos de identidade: *legitimadora* (introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que segundo ele está no cerne da teoria da autoridade e dominação de Sennett e se aplica a diversas teorias do nacionalismo, *de resistência*, criada por atores que se encontram em posições, condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos e a *identidade de projeto*, quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer



tipo de material cultural ao seu alcance, constróem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda uma estrutura social. Segundo Castells, este é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram. O autor ressalta que o terceiro processo de construção de identidade, a identidade de projeto, produz "sujeitos", adequando suas idéias às de Alain Touraine

"Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar sua história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiência da vida individual... A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de suas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e a dos indivíduos contra o mercado. (Castell, 1999)

Para Castells sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São os atores sociais coletivos pelo qual indivíduo atinge o significado holístico em sua experiência. Assim, segundo ele, a discussão estaria inserida em um contexto específico, qual seja, o surgimento da sociedade em rede. Avalia, ainda, que enquanto na modernidade a identidade de projeto fora constituída a partir da sociedade civil (como por exemplo, no socialismo, com base no



movimento trabalhista), na sociedade em rede, a identidade de projeto, se é que se pode desenvolver, origina-se a partir da resistência comunal. É esse o significado real da nova primazia da política de identidade na sociedade em rede. A análise dos processos, condições e resultados da transformação da resistência comunal em indivíduos transformacionais é o terreno ideal para o desenvolvimento de uma teoria de transformação social na era da informação.

O pensamento de Goffan (1999) é similar aos apresentados anteriormente pelos autores. Segundo ele, quando um indivíduo representa um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.

Gostaríamos de acrescentar o pensamento da pesquisadora Nizia Villaça, no qual a pessoa, a personalidade, o indivíduo, a individualidade são empiricamente observáveis, e se inscrevem nas diferentes grades de interpretação da antropologia, as sociologia ou da estética.

O indivíduo e a modernidade

Uma nuance um pouco desviante dos conceitos habituais sobre o indivíduo é a individualidade. Já no século XVIII, como assinala Stuart Hall ainda era possível imaginar os grandes processos da vida moderna como estando concentrados no indivíduo "sujeito-da-razão". As sociedades modernas iniciam um processo mais



complexo e adquirem uma forma mais coletiva e social. Teorias clássicas liberais do governo (baseadas nos direitos e aceitações individuais) sofreram o abalo das estruturas de estado-nação assim como a democracia moderna (calcada nas grandes massas) provocando o fenômeno da individualidade.. A industrialização, grande responsável pelo capitalismo moderno, foi a mola mestra para que o cidadão entrasse em contato com as normas de um estado moderno e o respeito a si próprio. A partir deste ponto surge uma concepção mais social do indivíduo. Hall aponta para as transformações ocorridas com o surgimento das ciências sociais.

Luís Cláudio Figueiredo (2000:140) lembra que o próprio termo - "individualismo" - nasceu na França como consequência de uma reação negativa do pensamento conservador romântico aos ideais e realizações da Revolução Francesa e com este sentido pejorativo o termo invadiu outros ares culturais, ressaltando que o século XIX pode ser e tem sido caracterizado como o do apogeu do liberalismo e do individualismo como princípios de organização econômica e política (2000:140).

Concordamos com o pensamento de Figueiredo, pois, apesar do individualismo ter se apresentado inicialmente de uma forma negativa, houve uma nova fase de restauração de formas orgânicas de vida social, valores, modos de relação entre os indivíduos, trazendo de volta a espontaneidade da vida coletiva e individual.

"Poderíamos, na verdade, dizer que numa certa medida o sujeito moderno será sempre pensado como indivíduo, no sentido do que não se divide, coincidindo ou vindo sempre a coincidir consigo mesmo, ou seja, identificando-se."
(2000: 34)

A discussão sobre a forma como as tecnologias reconfiguram as relações sociais e as comunidades antecede o surgimento do ciberespaço e das comunidades virtuais. Ao longo do século XX, sociólogos questionam sobre a forma pela qual os avanços tecnológicos da modernidade - acompanhada a burocratização, industrialização, urbanização e capitalismo - afetam as comunidades, desintegrando-as completamente, fazendo com que resistam na forma de vilarejos fechados, distantes da cultura de massas



ou que seus membros se livrassem da pressão dos grupos de solidariedade tradicionais (Tönnies; 1957, Durkhiem; 1978, Simmel; 1979, Sennet; 1988).

Os teóricos da primeira geração da Escola de Frankfurt oferecem uma explicação específica e original para o papel da comunicação de massa na configuração da experiência do indivíduo em condições de modernidade avançada. Esses pensadores consideram as grandes transformações produzidas pelas organizações industriais e burocráticas de larga escala nas sociedades complexas e se mostraram particularmente sensíveis à crescente mercantilização das formas culturais e à emergência da chamada ‘indústria cultural’. Para eles, a produção e difusão institucionalizada de bens simbólicos pelo rádio, televisão, revistas e jornais, assim como a produção de filmes e de música popular para consumo de massa, deixaram os indivíduos ainda mais dependentes e submissos a forças sociais e econômicas fora de seu controle. Os teóricos de Frankfurt alegam, assim, que a indústria cultural e os meios de comunicação de massa empurraram a humanidade para uma nova e mais profunda forma de dominação.

O conceito de modernidade e suas conseqüências se bifurcam para uma outra percepção de mundo assumindo uma das características distintivas da modernidade que é, de fato, uma *“progressiva interconexão entre os dois extremos de extensionalidade e de intencionalidade: influências globalizantes, de um lado e disposições pessoais de outro”*, Abordando mais extensivamente Giddens verificamos que ele procura evidenciar como as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de modo direto com a vida individual e, portanto, com o *self*. Contra o padrão de dependência, desorientação e perda de controle usualmente evidenciado pelos modelos críticos da modernidade, incluindo aqueles apontados acima, Giddens demonstra como, em condições de alta modernidade, o *self*, assim como o contexto social mais amplo no qual ele existe, devem ser reflexivamente produzidos.

O autor desenvolve a sua argumentação articulando três eixos de análise que se interpenetram: a reorganização de tempo-espaço, ao lado da radicalização dos mecanismos de desencaixe - pelo que basicamente quer dizer que a suspensão de relações sociais livres de determinações locais específicas se re combinam através de longas distâncias de tempo-espaço; a referencialidade interna dos sistemas sociais da



modernidade – aludindo à crença geral nas instituições modernas em criar ambientes de ação ordenados em termos da própria dinâmica da modernidade, validados por critérios próprios e rompendo com critérios externos; a reflexividade institucional – referindo-se à tendência das instituições modernas em incorporar rotineiramente novos conhecimentos ou informações nos ambientes de ação, os quais são por sua vez reconstituídos ou reorganizados.

Nesta verificação o pesquisador parte da premissa, que a modernidade expropria e que a introdução das instituições modernas retira para organizações abstratas o controle de questões cotidianas e existenciais que se encontravam mais diretamente subordinadas ao controle dos indivíduos. No entanto, argumentando que a impotência e a re-apropriação se interpenetram, demonstra como os arranjos sociais modernos proporcionam uma série de oportunidades tanto em nível individual quanto em nível coletivo para áreas de massivas re-apropriações coletivas, conseqüentes da vida social moderna. Neste sentido, os ambientes urbanos contemporâneos permitem o desenvolvimento de uma vida pública cosmopolita, com mais oportunidades tanto para a associação com outros de interesses semelhantes, assim como para o cultivo de uma maior diversidade de interesses ou de demandas em geral, de modo não disponível em comunidades mais tradicionais.

Autores que trabalham com o processo de urbanização e industrialização como Tönnies afirmam que ele resulta da destruição da *Gemeinschaft* e conseqüentemente a destruição da comunidade tradicional. Essa distinção entre comunidade e sociedade (ou associação) tem sido um ponto discutido sobre o conceito de comunidade, seja *on line* ou *off line* que já são estados identificatórios do indivíduo. Na obra clássica "Comunidade e Sociedade" o autor discute as transformações das relações sociais sob o impacto da modernidade e elabora neste contexto dois conceitos: *gemeinschaft* diz respeito à comunidade tradicional, holista, homogênea, constituída por membros que compartilham o território ao mesmo tempo que seus valores, crenças e interesses do todo. As pessoas vivem em coesão, apoiam-se mutuamente em qualquer ocasião e compartilham um senso orgânico de vida comum e têm como valores básicos a família, a propriedade, o companheirismo e a solidariedade.



Pós-Modernidade e Cibercultura

Não pretendemos discutir a passagem para a Pós-Modernidade, muito menos confrontá-la com a Modernidade, mas apresentá-la como uma era facilitadora do surgimento de novas formas de contato e comunicação e no aparecimento de novas tribos, as tribos cibernéticas, tecnológicas. Se a tecnologia apresentou-se na Modernidade como um instrumento de separação, na Pós-Modernidade ela está sendo um elemento fundamental para o surgimento de uma nova cultura contemporânea, a Cibercultura. Segundo André Lemos ela é o resultado da fusão das tecnologias digitais e a "socialidade" pós-moderna., na qual buscamos uma nova forma de agregação social, denominada por ele de agregação eletrônica

"A Cibercultura forma-se precisamente da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da "socialidade" na técnica que ela adquire seus contornos mais nítidos. Não se trata obviamente de nenhum determinismo social ou tecnológico e sim de um processo simbiótico onde nenhuma das partes determina irreversivelmente a outra. A Cibercultura é a socialidade que se apropria da técnica". (Lemos, 1998)

Esta nova estética social alimentada pela cultura do ciberespaço, proveniente do avanço de novas tecnologias e da desterritorialização, proporcionou o aparecimento de diversas tribos eletrônicas formadas por indivíduos anônimos, emancipados, livres para expressarem opiniões e fazerem do ciberespaço um lugar anárquico e descompromissado de controle . A cibercultura nos abre o caminho como indivíduos conectivos. Não abandonamos a coletividade mas partimos para um novo momento: a era da conectividade, da interconexão.

O filósofo Pierre Lévy (1999: 127) apresenta três princípios fundamentais para o programa da Cibercultura: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência



coletiva. Lévy afirma que para a cibercultura a conexão é sempre preferível ao isolamento, é um bem em si. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras. O segundo princípio prolonga o primeiro já que o desenvolvimento das comunidades virtuais se apóia na interconexão. Uma comunidade virtual baseia-se em afinidades de interesses, de conhecimentos, em um processo de cooperação ou de troca, independente de proximidades geográficas. Segundo Lévy o terceiro princípio, da inteligência coletiva, seria sua perspectiva espiritual, sua finalidade última. Concordamos com o autor pois não há comunidade virtual sem interconexão, não há inteligência coletiva em larga escala sem virtualização ou desterritorialização das comunidades no ciberespaço e a interconexão condiciona-as que são uma inteligência coletiva em potencial.

Autores como Tönnies lamentam que a comunidade homogênea tenha dado passagem para relações mecânicas, transitórias e contratuais, racionalmente orientadas para interesses específicos, marcadas pelos valores individualistas e pela crença no progresso. Na mesma direção apontam as reflexões apresentadas por George Simmel sobre o *ethos* cultural da vida metropolitana, nas quais enfatiza-se a mobilidade moral e simbólica sem precedentes da sociedade urbano-industrial, que expõe os indivíduos a sistema de valores diferenciados e heterogêneos em relação ao mundo rural tomado como referente. Neste sentido, se aproxima Simmel relacionando a atitude *blasé*, marcada pela indiferença e reserva ao outro, com o excesso e diversidades de choques e estímulos da vida urbana, o mundo rural se desenha como o espaço que se opõe a este ambiente metropolitano. Desta forma, enquanto neste último as relações sociais se pautam pela racionalidade, pelos interesses econômicos e pela individualidade - que faz os homens parecerem frios e desalmados Simmel, no mundo pré-industrial há a predominância das comunidades emocionais, de laços afetivos e relações primárias, harmônicas e íntegras.

Ao nosso ver estes pensamentos são demasiadamente críticos e pessimistas. Não seria em vão diversos autores afirmarem que nos últimos 10 anos, a Internet tornou-se a ferramenta mais moderna de interação da vida contemporânea. Marc Augè constata este pensamento ao ressaltar que o desenvolvimento sem precedente dos meios de



informação nos dá a sensação de que a história se acelera. O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação nos dá a sensação de que o planeta está encolhendo. E na medida em que cada um é diretamente atacado pela informação e pela imagem, na medida em que os meios de comunicação subsistem às mediações, as referências individualizam-se ou se singularizam: cada um tem sua cosmologia, mas cada um tem também a sua solidão. Há duas décadas os efeitos da presença de um computador eram secundários, no sentido em que eles não eram procurados pelo usuário comum. Hoje, as pessoas recorrem explicitamente aos seus computadores pessoais (PC) em busca de experiências que possam alterar as suas maneiras de pensar ou afetar a sua vida social e emocional.

Por outro lado, na concepção de Pierre Lévy as comunidades virtuais são os lugares ideais de encontro para aqueles que compartilham afinidades uma vez que a Cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de cooperação.

Segundo Sherry Turkle algumas pessoas sentem-se encantadas por mundos virtuais que parecem livres da desordem do real. Se uma pessoa receia a intimidade, mas receia também a solidão, até mesmo um computador isolado (não conectado à uma rede) oferece uma solução aparente. Interativo e reativo, o computador proporciona a ilusão da companhia sem as exigências da amizade. Uma pessoa pode ser solitária sem nunca estar sozinha. Uma referência à Steven Lukes e a noção de privacidade, quarta idéia dos componentes do individualismo": baseada na existência privada no mundo público; uma área na qual o indivíduo é livre de interferências e capaz de fazer e pensar qualquer coisa que escolha. Para Lukes esta é a idéia central do liberalismo e que pressupõe uma imagem de homem para quem a privacidade é essencial, até mesmo sagrada, para uma própria vida ser vivida.

Em razão das questões abordadas anteriormente consideramos em nosso trabalho a palavra indivíduo. A medida em que nas sociedades individualistas há muitas pessoas



qualitativamente diferentes, uma massa anônima, formada de meros indivíduos, assim como na CMC. Nos sites de relacionamento não encontramos sujeitos ou pessoas identificáveis. Muito pelo contrário. Acreditamos que especificamente esses sites propiciam movimentos em diversas direções: as pessoas renunciam mesmo que provisoriamente seus nomes, profissões, para gozar e experimentar as múltiplas oportunidades como meros indivíduos nos quais impera o vale tudo, ou seja, a busca pelo namoro, amizade ou sexo, ou ainda todas ao mesmo tempo.

Acreditamos que a compreensão do indivíduo conectivo se dará mais facilmente dentro de uma história da própria CMC. Já apresentamos que o ciberespaço, o virtual, é um "mundo" criado por palavras, um mundo que na verdade vem existir através de linguagem de computação. Além disso, o virtual é um mundo constituído por linguagem na medida em que as relações e interações acontecem, grande parte por meio de texto e diálogos e o que é mais importante; as pessoas são o que são, personagens constituídos por palavras.

Para Robert Park, não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra "pessoa" em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas sim que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos de forma consciente, representando um papel. Segundo ele, nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos.

"Em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos - o papel que nos esforçamos por chegar a viver - esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final, a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas" (Race and Culture, The Free Press, 1950:250)



Não existe, na verdade, um lugar físico onde o indivíduo cibernético atua. No entanto, para ele os sites de relacionamentos são um local de encontro real. Algumas vezes, alguém pode ser um “andarilho virtual”, ou seja, verificar os recados sem manter relações sociais com as pessoas que estão naquele *locus*. Porém, na maior parte das vezes, o usuário mantém uma certa assiduidade de conexão, e acessa com maior frequência os sites onde se sente mais à vontade e onde mantém contatos com pessoas com quem deseja encontrar-se. E este é um ponto importante para compreender-se como o ciberespaço, mesmo sem constituir-se um espaço físico e geográfico, age como espaço onde as pessoas mantêm relações sociais, procurando pontos comuns. Por isso o ciberespaço é fundamental para a construção do indivíduo conectivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Regina. *Amor e ficção. As paixões do ser. Seminário Amor, Ódio e Ignorância*, VII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise e III Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia. *Agente 13 - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 2000.
- _____. *Impasses do amor*. In: Branco, Guilherme Castelo (org). *Saber, verdade, Impasse*, Nau, 1995.
- AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos*, Papirus, 1998.
- _____., Marc. *Não-lugares*, Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zigmund. *Modernidade e ambivalência*, Jorge Zahar Editor, 1999.
- CAIRNCROSS, Frances. *O fim das distâncias*, Nobel, 1999.
- CARDOSO, Gustavo. *Para uma Sociologia do Ciberespaço*, Celta Editora – 1998.**
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede, capítulo V*. Paz e Terra, 1999.**
- CRUMLISH, Christian. *O Dicionário da Internet*, Editora Campus, 1997.
- Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*, 1999.
- Dicionário de Ciências Sociais, Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, 1986.***
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Companhia das Letras, 1994.**
- FIGUEIREDO, Luís Claudio. *A invenção do psicológico*, Escuta/Educ, 2000.
- GIBSON, William. *Neuromancer*, Aleph, 1991.
- GIDDENS, Anthony e Pierson C. *Conversas com Anthony Giddens - O Sentido da Modernidade*. Rio de Janeiro, FGV, 2000.
- _____, Anthony. *A transformação da intimidade (Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas)*, Unesp, 1992.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, Vozes, 1999.**
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A, 2000.**
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa entre as origens da mudança cultural*, Loyola, 1992.**
- KERCKHOVE, D. *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*, Relógio D'Água, 1997.**



LALANDE, André. *O vocabulário técnico e crítico de Filosofia*. Martins Fontes, 1996.

LEMOS, André. *As estruturas antropológicas do ciberespaço*, in Textos, n. 36, FACOM/UFBA., 13/08/1998. <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcyl.html>

LEMOS, André. *Ciber-socialidade – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. 20/04/1998 <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/artigos.html>

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Editora 34, 1998.

_____. *Cibercultura*, Editora 34, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência*, Editora 34, 1993.

_____. *A inteligência coletiva, por uma antropologia do ciberespaço*, Edições Loyola, 1994.

MCLUHAN, Marshall McLuhan. *Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*, Editora Cultrix, 1996.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*, Companhia das Letras, 1995.

PALÁCIOS, Marcos. *Cotidiano e Sociabilidade no Ciberespaço. Apontamentos para Discussão*: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html> , 1998.

PARK, Robert. *Race and Culture*, The Free Press, 1950.

PESQUISA IBOPE/Ratings realizada em novembro de 2001.

Enviada por e-mail para os participantes em outubro de 1998. <http://www.ibope.com.br>

PRIMO, A. A emergência das comunidades virtuais: <http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/esprialpb.htm>

PORTO, Sérgio Dayrell. *Sexo, afeto e era tecnológica (um estudo dos chats na Internet)*, Unb, 1999.

RAGO, Margareth. *Políticas da (in)diferença: individualismo e esfera pública na sociedade contemporânea*, Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política da UFF (Lasp), 1993.

TÖNNIES, Ferdinand. *Community and society*, East Lansing, MI: Michigan State Univ. Press, 1957 (pub original de 1887).

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã - a identidade na era da Internet*, Relógio D'água, 1997.

VAZ, Paulo. *O inconsciente artificial*, Unimarco, 1997.